

EUCLIDES

Periodico Critico, Litterario e Scientifico

ASSIGNATURAS
TRIMESTRE

Corte e Nictheroy... 2\$000

ASSIGNATURAS
TRIMESTRE

Provincias..... 2\$500

PUBLICAÇÃO SEMANAL

CORRESPONDENCIAS, A' RUA DE S. JOSE' N. 47.

Anno I.

Rio, 27 de Maio de 1883

N. 4

LUCTADOR

Rio, 27 de maio de 1883.

Penetremos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda no anno de 1879 viam-se os estudantes inteiramente opprimidos pelo ensino obrigatorio. Sujeitavam-se ás impertinencias dos lentes e ás d'aquelles que tivessem vinte faltas durante o anno, embora em uma só aula, perdião o direito de prestar exame de todas as materias do curso.

As aulas praticas eram muito poucas, mesmo a aula practica de chimica, tão util aos pharmaceuticos e mesmo aos medicos em un a pesquisa toxicologica, ainda não existia. Havia ahi as trevas que precedem o despontar da aurora. Mas graças ao talento do Sr. Leoncio de Carvalho a aurora do ensino livre surgiu irradiando a luz ás academias do imperio. Mas esta aurora que devia ser eterna e que podia provar á evidencia o esforço e a intelligencia dos estudantes, esta aurora, repito, que foi

acolhida com entusiasmo pelos jovens sectarios do progresso e da sciencia, acaba de se obumbrar.

O ensino livre cahio.

Cahio, sim, repito. Mas não como cahiram os idilos pagos aos embates da sciencia, mas como a liberdade sob as garras da escravidão, e Tiradentes no patibulo sob o sceptro da tyrannia! O director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acaba de dar-lhe o ultimo golpe. Com certeza, não me posso convencer de que um homem tão ilustrado possesse nutrir em seu cráneo uma idéa que anuncia, ou pobreza de espirito ou desejo de elevar-se.

Pois o Exm. director, acaso ignora de que a Escola de Medicina não é sómente frequentada pelos estudantes ricos e que tambem muitos pobres ahi vão procurar uma posição honrosa e que seja o cartão de visitas que lhes annuncie á sociedade hoje tão corrupta? S. Ex. acaso ignora de que a posição do medico ou pharmaceutico, não é só para luxo,

e que muitos rapazes que estão matriculados trabalham para se manterem não podendo por isso frequentarem as aulas praticas? Não cremos, e se S. Ex. o não ignora para que procura retel-os, quando trilham a estrada da sciencia? Pois a frequencia das aulas praticas, a assignatura do estudante no livro do ponto, pôde por si só constituir uma prova evidente de aproveitamento ou de estudo? Não, Sr. director! A frequencia das aulas pôde apenas offerecer uma probabilidade de aproveitamento, de estudo por gosto ou curiosidade; mas nunca uma evidencia, nunca uma certeza. A unica prova de aproveitamento do estudante é o exame. Ahi elle poderá mostrar, patentear o seu talento, e mesmo assim n'este lugar sacro a ignorancia é acobertada pelo manto da protecção.

Inteiramente convencidos de que S. Ex. não raciocinou bem quando organisou o novo regulamento, e que tendo errado irá emendar a falta, depômos a pena e prometemos não tornar mais ao assumpto porque errare humanum est.

FOLHETIM

SACCO DO ALFERES

O leitor nunca foi ao Sacco do Alferes?

Não.

Ora, então não conhece a oitava maravilha do mundo; a preposito, ahi está um bond, vamos dar um passeio até lá, ande de pressa senão perdemos o lugar.

Sentamo-nos e principiamos a conversar a respeito da crise ministerial....

— Meus senhores, diz o conductor, este bond só vai até o Livramento.

— Ora bolas, então não nos serve; o outro demora muito?

— Olhe, está lá atraç....

Vamos a entrar.

— Diz o cocheiro: Este bond está sem tabola, vai só até o largo do Deposito.

— Isto não se atura!

— Tenha paciencia, meu amo, nós estamos muito atrasados.

Esperem pelo bagageiro, que vai até o ponto.

Afinal chega o bagageiro, entramos. O bond enche-se completamente.

— E' bom perguntar ao cocheiro se este vai ao ponto, observa um passageiro.

— Vai ao fim do ponto terminal, respondeu o cocheiro.

Principiamos a viagem.

Ao voltar a rua do General Camara e depois de muitos solavancos sahe o bond do trilho, o cocheiro continua a fustigar os animaes, que arrastam o carro sobre as pedras. Depois de mais de um quarto de hora de atraço, sahem os passageiros e a muita custo continuamos a viagem.

Chegamos ao largo do Deposito, o bond pára, o cocheiro apita, o bandeira abre o signal e continuamos; ainda bem não temos vol-

tado a curva da rua da Imperatriz, encontramo-nos com outro bond! Estabelece-se u a discussão entre os cocheiros e condutores, o bandeira é gago e a muito custo se explica, os passageiros protestam e afinal de contas nem um nem outro quer voltar: faz-se baldeação.

Deixamos o bagageiro e entrâmos no fumante, segue o carro.

Ao chegarmos à rua da Saúde, parámos, uma carroça cheia de saccos com café sobre os trilhos com uma roda partida e entre os va-raes um dos animaes cahido por terra, o qual pela sua immobilidade « faz-nos crer que não pertence mais ao numero dos vivos! »

Descarrega-se a carroça e a muito custo... assamos.

— Ah! Ah! Ah!

— O leitor ri-se, o que é?

— Veja o letreiro d'aquelle barbeiro

— «Lava-se e corta-se cabeça»

Te os fiz aliado um charuto e tentamos debalde accender outro. Principiamos a conversar sobre a companhia italiana, a recita do Boccacio, a questão da Copacabana, etc., o bond

CORREIO

Sr. Sylvio de La-Tour.— Cá recebemos... não havia pressa. Oihe que o Sr. reduz o Sr. Nada a nada, à pô impalpável. Talvez houvesse *porphrisação*.

X

Sr. Boiardo.— Os *Currelinhos* para outra vez, sim? O Pedrosa prepara-lhes a musica...

X

Sr. Euclides.— O mesmo que ao Sr. Boiardo. Tenha paciencia... um dia ha de vir em que... sim, percebe, não?

X

Sr. Raul Gonzaga.— Já estavamos á sua espera. Porque nos faz esperar tanto?

Agora sim, invadiram-nos umas alegrias...

X

Sr. L. Barreto.— Não gostou? Felizmente nem todos pensam como o Sr. sine qua... ai! que catastrophe! *Ridendo castigat mores!*

X

Sr. Souza Menezes.— Pois não, com todo o prazer, meu caro, e cá estemos...

X

dá um salto tão grande, que quasi, o leitor salta fóra.

— O que foi?

O conductor responde sorrindo:

— Uma pedra que estava no trilho.

Disfarçamos o susto e enquanto o bond pára na rua do Livramento á espera que o outro entre no desvio, aproveitamos o ensejo e accendemos o charuto.

Após uns dez minutos de demora enquanto o outro carro passa e o cocheiro endireita os arreios dos animaes, continuamos.

— Ah! Ah! Ah!...

— O que é? o que é?

— Olha aquelle letreiro....

— Aqui jáz o supimparo vinho virgem.

Continuámos com todo o vagar, os animaes quasi que não podem com o carro, pudera elles comem « milho na garrafa. »

Paramos de novo à rua da Gambôa á espera do outro bond!

Alguns passageiros teimam que não tem mais bond dentro o cocheiro e o conductor insistem que o 67 ainda não passou.

Ficámos seguramente um quarto de hora (!)

Estoure o Champagne ..

Fazem annos: hoje, a Exma. Sra. D. Amelia Menezes de Brito e a 3 de Junho do corrente anno, a Exma. Sra. D. Felismina Souza Menezes.

Como não vamos ao chá... d'aqui enviamos os nossos parabens.

VISITAS

Fomos honados com as visitas do 1.º e 2.º numeros da — *Phalange*, jornal que se publica n'esta corte e que antigamente denominava se *Bicho*.

Esperavamos anciósos e no entretanto já alguém por nós havia recebido o que nos cabia.

E' o caso de dizer-se: *ahi cara dura!*

No 1.º numero, no folhetim, do Sr. Carlos Machado ha um topico de muito effeito: — *Minha filha, responde! Estás morta?...*

Como havia de responder a filha se estivesse morta?

Hoc opus hic labor est!

Ha uma bôa poesia da Exma. Sra. D. Revocata de Mello.

No 2.º numero ha uma poesia — *Idealismo* que tem alguns versos *rheumaticos*.

Dos *biolets*, o ultimo não nos agradou; em compensação apreciamos muito o soneto da autora dos *Preludios*.

No mais é um jornal que progride intermitentemente.

E com razão!

a espera do 67, quando avistam o atrazo, de nós vindo da cidade.

— Os senhores tenham paciencia, diz o conductor, de passarem para o 67, que os levará ao ponto, nós estamos com um atrazo de tres quartos de hora!

Depois de uma ligeira alteração de palavras, resolvemos a passar para o 67 e continuarmos a nossa esplendida viagem.

Paramos novamente em frente á estação marítima, para dar passagem ao trem, finda a qual contin annos e até que afinal chegamos ao ponto denominado — Gambá — e isto depois de hora e meia de viagem!

— Vamos até a praia Formosa?

— Vamos.

Percorremos ligeiramente a praia Formosa, assim intitulada por uma ironia da cámara municipal.

Esplendido!

— Olha aquelle capado, que bonita gallinha d'angolla e aquelles pintinhos?

A praia Formosa é na verdade de uma formosura unica — do lado da praia é de uma

Recebemos tambem, a *Patria*, que muito nos honra com as palavras animadoras que se dispensam a quem começa.

Não precisamos de elogios para encarecer um jornal cujo nome é a sua mais brillante recommendação.

Ainda recebemos o 1.º numero do *Guanabara*, orgão de Botafogo, que traz bons artigos.

SCIENCIAS

ALGUMAS PALAVRAS

Sectarios das doutrinas scientificas, não podemos deixar de servirmo-nos destas columnas para dizer algumas palavras sobre as raças, especie e origens scientificas do *homo sapiens*.

«La serie ou échelle animale sera donc le passage successif et gradué qu'on peut parcourir dans l'étude des animaux, pourvus des organes les plus compliqués, partant des organisations les plus simples,» diz um autor.

E assim é, quando reflectimos sobre as analogias que existem nas diversas raças, não nos escapam as mais sensiveis, e dellas concluimos sem hesitação o enfeixe gradual que guardam umas com as outras; e, ás vezes até, entre especies muito remotas nós encontramos relações, laços de parentesco, que nos levam a crer, que partidos de um só ramo, todos os animaes se ligam intimamente, attendidas as diferenças do meio.

poesia arrebatadora, estendidas sob e a relva as rês dos pescadores, as canôas encalhadas e resguardadas do sol por alguns ranchos de sapê, os proprios pescadores espreguiçam-se e dormem o sono dos justos.....á espera da maré!

Que poesia!

— O leitor já está satisfeito, quer voltar?

— Quero, mas prefiro voltar de canoa.

— Vamos ao Gambá e lá fretaremos uma. Chegamos ao Gambá, o leitor fréta uma canoa e embarca.

— Então o senhor não embarca... ah! ah! prefere o bond!

— E' fico, eu sou..... morador d'aqui.

— O senhor? !....

A viração está fresca, o marinheiro abre á vela e a canoa desaparece como uma garça beijando as ondas e eu.....eu envergonho-me do pasmo do leitor!

Rio—1883.

LEONCIO D'ALBUQUERQUE.

Vamos seguir um methodo especial nestes nossos artigos e por isso, pomos desde já o leitor ao corrente delle.

Em primeiro lugar daremos os pontos de contacto entre todos os mammiferos e especialmente, entre os homens e os quadrumanos; depois por conclusões logicas, observações dos autores, atenção aos meios, discussão dos costumes e analyse das faculdades que revelam, nós discutiremos a possibilidade de successão.

E' para nós, na verdade, ardua esta tarefa, começou d'agora o estudo das sciencias naturaes, para as quaes sempre tivemos inclinação é muito possível, que commettamos erros, que não serão talvez perdoados pelos que são arraigados ás theorias absurdas e retrogradadas do tempo.

Resta-nos, portanto, uma consolação é que estes que, assim pensam, são apenas percutores de échos mal infundados e sem nenhuma base scientifica; são homens que enlaçados ao rude pyrrhonismo, não querem abandonar as theorias absurdas do genesis mosayco.

Estes, embora estudem as sciencias naturaes, embora aceitem essas theorias, têm crenças abstractas sugadas aos seios de algumas nutrizes fracas e anemicas, que só sabem a historia da carocha e outras quejandas.

Alguns pretendem levar ao ridiculo artigos e actos daquelles que só trilham os terrenos lavrados pela sciencia e explorados pela observação de milhares de homens insuspeitos e muitos annos de trabalho.

Contudo, nós não tememos os apôdos, nós não temos receios, discutiremos com as bases que nos facultam as diversas sciencias.

Começaremos pelos caracteres geraes, depois passaremos aos particulares; seguiremos as divisões de Jorge Cuvier, deixaremos de parte todos as outras divisões e trataremos dos vertebrados.

Ahi chegados escolheremos a classe dos mammiferos.

Todos os animaes que pertencem a esta classe, tem um sistema nervoso especial com seu centro contido n'un reducto osseo, que ora tem a forma de uma capsula como o craneo, ora tem a forma de um tubo allongado, composto de peças osseas, sobrepostas umas ás outras, im-

bricando se como as telhas de um teihado; refiro-me á espinha dorsal.

Com algumas dessas peças ou vertebrais articulam-se as costellas, que formam o thorax e que são um meio de protecção aos orgãos internos.

Comparando os diversos esqueletos encontramos sempre semelhanças e analogias em toda a serie animal, apesar de que alguns animaes têm o esqueleto cartilaginoso como os peixes; mas isto não constitue uma diferença, porque a cartilagem é a fonte do tecido osseo.

Os animaes mammiferos são de sangue vermelho, têm circulação completa e dupla.

O apparelho digestivo é de todos o mais aperfeiçoado.

A respiração é feita por pulmões; são viviparos e têm um caracter distintivo e especial o maxilar inferior articula-se com o craneo.

São estes os caracteres essenciaes, talvez que sejam encontradas algumas omissoes, isto porém, não constitue defeito.

As femeas do homem e do macaco, do cão e de alguns outros, dão á luz pequenos entes analogos ou cujos caracteres são quasi analogos; porque, pôde acontecer que o não sejam; e estes entes são nutridos por orgãos proprios á lactação.

Elles têm um sistema muscular especial, que lhes serve para a locomoção; têm pellos mais ou menos longos na espessura do derma os quaes raream em certos lugares do corpo, conforme os habitos, e algumas ordens não têm pellos como nos ichthyomorphos.

24—5—83.

SYLVIO DE LA TOUR.

(Continua).

ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA

(Continuação)

Entretanto, Franklin, na America, tinha continuado a seguir suas idéas que deviam mais tarde dar-lhe um renome immortal.

A falta de edificios de grande altura, elle imaginou fazer descer a electricidade das nuvens sobre a terra por meio da corda de um papagaio de papel coroado por uma ponta metalica, e desde as bellas experiencias de Newton sobre as cōres

desenvolvidas nas bolhas d'agua de sabão, foi esta a segunda vez e n'que os divertimentos das crianças tornaram-se para a physica os instrumentos das mais bellas descobertas.

Franklin, preparou, pois, dois pedaços de pau em forma de cruz, cobertos de seda, uma corda de extensão conveniente e dirigiu-se ao campo para tentar a experienca. Temendo que o ridiculo viesse cahir sobre si, apenas o acompanhou seu filho, unica testemunha que devia participar de sua primeira gloria.

Já o papagaio estava lançado ao ar e elle segurava na corda, mas no entanto, ainda não havia signal algum de electricidade, até que o papagaio avisinhou-se de uma nuvem que parecia trazer o raio.

Franklin já se julgava enganado, quando enfim, uma pequena chuva veio molhar a corda e aumentar sua facultade conductriz; elle viu então partirem d'ella algumas scintelhas. Immensamente jubiloso ficou apreciando este phemoneno que elle havia previsto, deveando a sua vida á corda não estar mais molhada ou ser de natureza mais condutriz.

Foi em 1752 no mez de Junho, que se effectuou esta experienca, sento repetida em todos os paizes sabios e sempre com o mesmo sucesso.

Um magistrado francez, de Rojas, assessor ou presidial de Nérac, modificou o apparelho de Franklin de uma maneira feliz. Imaginou entrelaçar um fio de ferro mui fino com a corda do papagaio e para que o observador não estivesse exposto a descargas imprevistas, a extremitade inferior da corda termina por um cordão de seda de oito ou dez pés de comprimento, por meio do qual o papagaio e o fio, estavam isolados.

De mais, em lugar de tirar d'ella as scintelhas com o dedo, o que faz o observador receber a descarga. Rojas imaginou tiral-as por meio de u a conductor metálico comunicando ao sólo por uma cadeia e conservando-se preso á mão pelo intermeiario de um cabosolador, que é o nosso excitador actual.

Havenlo aperfeiçoado o apparelho, Rojas não hesitou em pô-lo em presença das nuvens mais carregadas de electricidade.

E' necessario uma prudencia enorme para se apreciar d'estes resultados; aquelle que tal não tivesse, resultaria o mesmo que a Richmann, professor de physica em S. Petersburgo, que, tendo introduzido no interior do seu quarto a parte inferior de uma barra com a qual tinha observado o estado athmospherico, foi subtamente ferido por uma explosão e encontrado morto junto ao apparelho.

FLAVIO GONTRAND.

(Continua.)

P O E S I A S

A U M A C A V E I R A

(À MEMÓRIA DE JOSÉ DE ALENCAR)

Ahi onde tu vês, pulsou a vida,
Como nós foi tambem... hoje coitada
E' como n'um jardim flor feneçida,
Eil-a hoje... materia inanimada!

N'ella a crença habitou... hoje esquecida...
Do mundo humano, da existencia o nada,
Hoje na morte descansou da lida,
Da lida infame que a existencia fada,

Merecêra nascer, morrendo ainda,
Merecêra viver eternamente,
Merecêra gozar ventura infinda;

Pois d'este crâneo talentoso e forte
A scintelha da vida inconsciente
Não podia apagar-se pela morte!

FLAVIO GONTRAND.

N A T U R A L

O céo é todo azul. A aragem, do arvoredo
Vem deslocar medrosa as gottas crystallinas
Que o orvalho deixou nas horas do segredo.

Tudo se regozija; as rosas purpurinas
Deixam-se balouçar na briza delicada
Que vem meiga beijar as pétalas divinas.

O cadaver da noute amena e regelada
Descamba no horizonte, envolto na mortalha
Que o sol lhe vem tecer de luz esbranquiçada.

Além ha uma cabana o tecto seu de palha
Transpira essa alegria infinda da campina
Que a todo o viajante a confiança espalha.

Na frente ha uma enorme e verde casuarina
Que canta uma canção que os genios compuzeram
De bella melodia, esplendida... divina!...

Além abriu-se a porta os gonzos seus rangeram;
Uma linda menina empuña uma sacólla
Que os pombos fitam sempre e desde que nasceram.

E ella vem alli, caminha como a rô'a,
Espalha no terreiro o milho dos pombinhos...
E... ouve-se lá dentro os sons d'uma viola.

3—4—83.

ARTHUR T. DUARTE.

N O F A U T E U I L

A noite veio então cobrir os infinitos...
O chambre é de carvão cravado de brilhantes...
Das casas dos botões espiam mui afflictos,
Dos rápidos fuzis os olhos scintillantes!

E eu gosto de fruir, assim, noites de fadas...
Anjo dos sonhos meus, se vãs do relento:
Não vês como sacode as plumas alvejadas
A garça do oceano azul do firmamento?!

1883.

RAUL GONZAGA

LOGOGRIPHO

A' L. PESSANHA.

Primitiva cidade americana 22.9.17.14.6.4.19.11.6.15.
Existiu lá da Grécia no terreno 8.18.12.7.19.2.22.5.6.23.
Sempre espargindo a crença soberana 17.6.19.21.10.14.11.
Se encontra na sciencia de Galeno; 10.5.19.15.17.6.22.2.22.18.
Se antigamente esteve em mão romana, 24.9.5.13.23.
Na vã Mythologia foi veneno, 17.4.22.14.18.13.19.11.
Se encontra na ampla Geometria, 14.4.5.19.18.4.1.19.23.
A N H A tê mesmo na simples drogaria 20.18.16.10.18.3.11.

E' composto esquisito e no abandono
Se achará na sciencia do carbono.

1883.

FAUSTO MENDES.

C A R T A S A O SR. N A D A

Nada.

Comprehendo o que dizes, tu és sceptico, és descrente, não és materialista, nem mesmo forçado. Como?

Pois tu crês, que uma agglomeração de atomos seja nada? Não é possivel. Não creio, tu és sceptico. Nada significa *nenhuma cousa*; a nuvem em que te encarnaste é alguma cousa.

Tu partes para o nada, e no entanto sendo nada tu vaes te consolar dando vida a pequenos animaes. Do nada, nada se faz.

Já viste, meu amigo, não penso d'essa forma.

Eu sei que a desgraça faz d'essas coussas, mas eu te digo que eu sou alguma cousa, e a prova é que te escrevo, porque tenho vontade de tirar-te d'esta desconfiança.

Nihilo sum aliter, quam fui.

24—5—83.

SYLVIO DE LA TOUR.

A N N U N C I O

P H A R M A C I A G U T E R R E S

DIRIGIDA PELO PHARMACEUTICO

Cucuato Ferreira Guterres

RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA

N. 74

(Botafogo)

E X P E D I E N T E

A redacção do *Luctador*, além de franquear as columnas do seu Jornal a quem n'elle quizer collaborar, aceita annuncios commerciaes ou outros quaesquer, mediante o preço de cem réis a linha.

Aquelles senhores que, havendo recebido exemplares do *Luctador* não os devolverem, serão considerados assignantes.